

EDITORIAL
ANO XI.VOL II.
PARTE II
EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E PÓS-HUMANISMOS

O presente número corresponde à segunda parte do volume publicado em dezembro de 2024, onde problematizamos a coimplicação entre os estudos críticos animais, as ecologias e a emergência de experiências educacionais pós-humanistas (Morton, 2023a/2023b). Nosso objetivo é, então, o de dar continuidade à compreensão dos modos pelos quais os animalismos e as ecologias nos permitem colocar em questão os fundamentos antropocêntricos e antropomórficos da educação, abrindo-nos a práticas curriculares e filosóficas que, ao invés de se deixarem encapsular pela ideologia do sujeito substância, do sujeito universal e do espírito absoluto, desestabilizam a presunção epistêmico-ontológica de tais categorias (Ferreira da Silva, 2022).

13

Assim sendo, inspiradas em Rosi Braidotti (2019), Donna Haraway (2009) e Timothy Morton (2023a/2023b), reiteramos a urgência de deslocarmos a educação do seu eixo humanista em direção às “relações” e às “complexidades” mais-que-humanas/não-humanas/inumanas. Ademais, inspiradas em Saïd (1994), reafirmamos que a educação pós-humanista se faz a partir de uma perspectiva nômade, a qual propulsiona o desenvolvimento de teorias cujas principais características correspondem ao trânsito não-linear e não-hierárquico entre as diferentes áreas do conhecimento – como as ciências, as artes, as filosofias e as literaturas – e à assimilação entre crítica e criatividade, atividades que constituem os processos de pensamento e de escrita no campo da produção teórico-poética e da ação ético-política pós-humanista.

Com esse panorama em mente, iniciamos a seção dedicada ao tema deste dossiê com o texto de **Diego Bogéa**, intitulado “Desde a Angústia das Estrelas...: possibilidades curriculares contra-hegemônicas a partir do materialismo vital”, onde o autor coloca em operação o materialismo de Jane Bennet para propor teorias e práticas curriculares não antropocêntricas ancoradas na concepção de existência e não mais na de sujeito. Em seguida, deparamo-nos com o artigo “O

pensamento ético-político da questão animal em Jacques Derrida – lendo *O Animal que logo sou* em direção a um humanismo por vir –, de **Martha Bernardo**. Nesse ensaio, a autora busca nos mostrar que discutir os humanismos é necessariamente discutir os animalismos, tendo em vista a continuidade entre homens e animais na ontologia derridiana. Já no artigo “Tempo animal e ecocrítica: uma visão ecoevocêntrica da coexistência na natureza”, **Dancizo Toro-Rivadeneira** examina, a partir de uma perspectiva ecocrítica, em que medida os animais desafiam as noções antropocêntricas de progresso e progressão temporal.

Em “Liberdade para além do humano”, **Filipe Smidt Nunes** nos mostra que a liberdade não corresponde a um atributo exclusivamente humano e, dessa maneira, leva-nos a pensar o que significa coabitar um mundo em que todos os demais entes também podem ou poderiam ser livres. Além disso, no artigo “O que não resta do homem: testemunhos da morte em ‘Animais’ de Michel Laub”, **Ana Beatriz Santos Oliveira** problematiza a morte de humanos e animais por meio da literatura de Michel Laub em consonância com a conceptualização agambeniana de *bios* e *zoé*. Na sequência, em “E se a educação mirasse o cosmos e não o indivíduo a ser formado? Fabulações cosmoquânticas”, **Nathália Terra** e **Thiago Ranniery** nos convocam a imaginar a prática educacional orientada à complexidade cósmica e não à emancipação subjetiva do indivíduo. Finalmente, na seção arte de nosso dossiê pós-humano, encontramos o texto “Rio abaixo”, de **Ádamo da Veiga** e **Cassiana Stephan**. O ensaio consiste em uma conversa experimental entre os autores que buscam trazer à tona os diferentes sentidos de Gaia a partir de um jogo livre entre palavras e imagens.

Nosso número também contempla as pesquisas consagradas aos *Estudos Críticos Animais* (ECAs). Abrimos a seção dos ECAs com o artigo “Matadouros e imaginação moral: uma leitura de Günther Anders sobre a tecnificação da nossa relação com os animais não-humanos”, de **Romain Labat**. Nesse texto, Labat nos mostra a potência da imaginação moral no que se refere à intervenção ético-política frente à morte compulsória de animais não-humanos. Na presente seção, também lemos o artigo “A entomologização do adversário. O fenômeno dos ‘gafanhotos’ na Costa Rica”, onde **Paula Sequeira Rovira** problematiza o uso pejorativo e estereotipado do termo “gafanhoto” em vista da animalização dos jovens considerados delinquentes na Costa Rica. Com base nisso, Rovira nos convida a pensar na hierarquização moral e política dos humanos em relação aos animais, constantemente subalternizados pelo binarismo que separa a

humanidade da animalidade. Em “A suficiência metafísica na determinação da pessoa jurídica nos primatas superiores”, escrito por **Rafael Cervera Castellano**, enfrentamos as dificuldades bioéticas atinentes ao reconhecimento dos primatas como pessoas jurídicas no mundo.

Além disso, em “Nietzsche e a imanência animal: para uma nova abordagem da relação corpo-linguagem”, **Luca Filaci** mostra em que medida o pensamento de Nietzsche está calcado na animalidade, que possui implicações estéticas, metafísicas e epistemológicas. Já no artigo intitulado “Diálogo crítico com as 18 teses alemãs do materialismo histórico e da libertação animal”, **Sergio Chaparro-Arenas** analisa as 18 teses alemãs sobre marxismo e libertação animal no intuito de tensionar pontos polêmicos entre os defensores dos animais, do meio ambiente e o projeto socialista. Finalizamos o presente número com a resenha, escrita por **Mariano Exequiel Moreno Ávalo**, intitulada “Gustavo Yañez González. ‘A ontologia é uma polícia: desvalorização e subjugação do animal’”. Nessa resenha, Moreno Ávalo destaca a potência da obra do veterinário chileno, Gustavo Yañez González, sobre a questão animal na contemporaneidade.



Esperamos que, com o presente número, nossas leitoras.es possam entrever a dimensão filosófica, estética, política, ética e pedagógica dos pós-humanismos no que se refere à crítica à soberania do Humano no tocante às empreitadas colonialistas, civilizatórias, imperialistas e normalizadoras ou normalizantes das relacionais que nos constituem e que, ao mesmo tempo, constituímos para além do si mesmo que colapsa (Spivak, 1999), nas ruínas do neoliberalismo (Brown, 2019), em sua própria presunção triunfalista (Butler, 2020).

Bibliografia

- Braidotti, R. (2019). *The Posthuman*. London: Polity.
- Brown, W. (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politeia.
- Butler, J. (2020). *The Force of Nonviolence: an ethical-political bind*. New York: Verso Books.
- Ferreira da Silva, D. (2022). *Homus Modernus: para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Ferreira da Silva, D. (2024). *A dívida impagável: uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo*. São Paulo: Zahar editora.

Haraway, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: Tadeu, T (org.). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Morton, T. (2023a). *O pensamento ecológico*. São Paulo: Quina editora.

Morton, T. (2023b). *Ser ecológico*. São Paulo: Quina editora.

Saïd, E. (1994). "Identity, Authority and Freedom: The Potentate and the Traveler". *Boundary 2*, Durham, vol. 21, n.3, pp.1-18.

Spivak, G.C. (1999). *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge: Harvard University Press.